



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

IVIG SAMMY LACERDA DA SILVA

**Literatura e nação: a formação da ficção brasileira, segundo Antonio
Candido**

**JOÃO PESSOA
2018**

IVIG SAMMY LACERDA DA SILVA

**Literatura e nação: a formação da ficção brasileira, segundo Antonio
Candido**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça

**João Pessoa
2018**

IVIG SAMMY LACERDA DA SILVA

**Literatura e nação: a formação da ficção brasileira, segundo Antonio
Candido**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como
requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça (UFPB)
Orientadora

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Examinador

Prof. Dr. Thiago Fernandes Soares Ribeiro (SEE-PB)
Examinador

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S5861 Silva, Iviq Sammy Lacerda da.

Literatura e nação: a formação da ficção brasileira,
segundo Antonio Candido / Iviq Sammy Lacerda da Silva.

- João Pessoa, 2018.

27 f.

Orientação: Profa Dra Wilma Martins de Mendonça
Mendonça.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Antonio Candido, formação, literatura, sociedade. I.

Mendonça, Profa Dra Wilma Martins de Mendonça. II.

Título.

UFPB/CCHLA

Aos meus pais, Cicero Correia da Silva e Morgana Virginia Lacerda da Silva, guerreiros e batalhadores que sempre se esforçaram para poder me garantir o melhor, pelo apoio, incentivo e por nunca me deixarem nada faltar. À minha avó, Argentina Ferreira Lacerda, e à minha segunda Mãe, Germânia de Cássia Lacerda Soares, pela coragem sempre motivadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, a Deus pelo dom da vida e por todas as conquistas que já tive e as que estão por vir. A Ele, todo o meu louvor. À Maria, Virgem Mãe, por interceder por mim junto ao seu filho. À minha orientadora, Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça, os meus sinceros agradecimentos, por toda a sua paciência e dedicação a mim prestada. Agradeço, ainda, com o meu profundo respeito e admiração, a todos os professores que tive a honra de encontrar durante este percurso acadêmico, desde a educação infantil, até a Universidade. À Profa. Dra. Beliza Aurea (*in memoriam*). Minha gratidão aos meus queridos amigos, de modo especial ao amigo e colaborador Alexsandro Cavalcante que sempre acreditou em mim. Aos colegas de Curso, que me ajudaram na caminhada discente, meus fraternais agradecimentos, Francisco de Assis, Francinilda Brito, Joares Neto, Edberto Alves, dentre outros, por me motivarem em momentos que tudo parecia impossível. Não poderia deixar de registrar a presença amiga de Anderson Severo e as suas conversas sempre confortantes. Registro, também, os meus agradecimentos ao “Clube dos Canalhas”, e ao amigo, Ítalo Moraes. À minha família, que sempre me incentivou durante todo o percurso de minha vida, e da elaboração deste trabalho, a minha mais sincera e terna gratidão. Por fim, mas não menos importante, o meu reconhecimento à Universidade Federal da Paraíba que, ao longo destes cinco anos, educou-me no universo das letras. Primeiramente a Deus e posteriormente a todos vocês, MINHA ETERNA GRATIDÃO!

É o teor literário que faz a verdade da escrita, porque permite transformar o fato em significado. O resultado é um mundo além do nosso mundo, que no entanto nos faz compreendê-lo melhor.

Antonio Candido

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a relação entre a formação da literatura brasileira e da sua intrínseca afinidade com a formação do Brasil, em acordo com as interpretações e deduções teóricas e analíticas, de Antonio Candido. Para tanto, escolhemos, como objeto de análise, a obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, (1959), de Antonio Candido, como também a leitura de alguns críticos que também estudaram o autor. Tais escolhas se deram, sobretudo, pela importância desempenhada pelo autor quando o assunto é a relação da literatura com a formação do Estado nacional. Assim, esta pesquisa faz uma releitura dos principais pontos da relação entre a literatura e a sociedade segundo o próprio Antonio Candido. O presente trabalho está organizado em dois tópicos, nos quais primeiramente buscamos fazer uma análise da importância de Candido para os estudos literários no Brasil e posteriormente analisamos os pontos mais marcantes acerca do surgimento e da solidificação da literatura no Brasil. Concluindo assim, que Literatura e Sociedade se relacionam no mais íntimo de suas existências. A literatura é considerada por Candido como um direito essencial e de papel fundamental na construção da sociedade.

Palavras-chaves: Antonio Candido, formação, literatura, sociedade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 ANTONIO CANDIDO: FORMAÇÃO E SEDIMENTAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA	
2. 1 Antonio Candido: o mestre do Brasil	14
2. 2 Sobre a formação e a sedimentação da literatura brasileira.....	19
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

Machado de Assis

INTRODUÇÃO

Vira e mexe nacionalismo.
Mário de Andrade

O Trabalho de Conclusão de Curso, **Literatura e nação: a formação da ficção brasileira, segundo Antonio Candido**, trata do processo de constituição da literatura nacional e de sua intrínseca relação com a criação do Estado brasileiro. Para tanto, escolhemos, como objetos de nosso estudo, as reflexões de Antonio Candido acerca das afinidades estabelecidas entre ficção e nação, que informam sua *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, obra escrita entre os anos de 1945 e 1951, e publicada em 1959.

Dono de uma vasta obra, Antonio Candido teve uma vida pautada pela reflexão sobre a literatura brasileira e latino-americana, sem se furtar ao estudo das grandes obras universais. Publicou: *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero* em 1945; *Ficção e confissão: estudo sobre a obra de Graciliano Ramos* em 1956; *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* no ano de 1959; *O observador literário*, 1959; *Tese e antítese: ensaios*, em 1964; *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 1964; *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, 1965; *Vários escritos*, 1970; *Formação da literatura brasileira* (1975); *Teresina e etc.* (1980), republicada com o título *Teresina e seus amigos*, em 1996; *Na sala de aula: caderno de análise literária* (1985); *A educação pela noite & outros ensaios* (1987); *O estudo analítico do poema* (1987); *Brigada ligeira e outros escritos* (1992) *Recortes* (1993); *O discurso e a cidade* (1993); *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes* (1997); *O romantismo no Brasil* (2002); *Um funcionário da monarquia: ensaio sobre o segundo escalão* (2002) e *O albatroz e o chinês*, de 2004.

Participou, juntamente com outros autores latino-americanos, da composição da obra, *América Latina em sua literatura* (1972), patrocinada pela UNESCO, publicou, também, em parceria com José Aderaldo Castello, os compêndios, *Presença da literatura brasileira: história e antologia: das origens ao realismo* (1964) e *Presença da literatura brasileira modernismo* (1964). Editou, ainda, em aparceramento com Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, *A personagem de ficção*, (1968); com a filósofa Marilena Chaui, Lélia Abramo e Edélcio Mostaço, *Política cultural* (1984); participou da

feitura da obra *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, no ano de 1992.

Além da elaboração livresca, elaborou vários artigos, prefácios e apresentações de distintas obras, assim como inúmeros textos sobre teses acadêmicas, organizando, ainda, o livro-síntese sobre o pensamento do amigo Sérgio Buarque de Holanda, acerca de nosso país, *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil* (1998), que contou com a participação autoral de Antonio Arnoni Prado, Ilana Blaj, Luiz Dulci, Maria Odila Leite da Silva Dias, Ronaldo Vainfas e Raymundo Faoro. A grande amizade e harmonia política entre Candido e Sérgio Buarque de Holanda, seria objeto de estudo de Walnice Nogueira Galvão, em seu artigo, “Candido e Sérgio, amigos contra as ditaduras”, de 1998.

Foi, entretanto, na revista *Clima* (1941 – 1944) que Antonio Candido iniciou a sua produção crítica, fazendo uma reflexão sobre o Brasil, através das lentes da literatura. Acompanhado de Gilda de Moraes Rocha (com quem viria a se casar), Paulo Emílio Salles Gomes, Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado e outros. Escrevendo depois para os jornais *Folha da Manhã* e *Diário de São Paulo*.

A contínua e valorosa produção de Antonio Candido e o seu reconhecimento, fora das fronteiras brasileiras, como crítico e teórico da literatura nacional e da América Latina, justificam o nosso trabalho. A importância desfrutada pelo nosso autor, no solo estético-cultural latino-americano, pode ser ilustrada pela publicação do volumoso livro, composto por vinte ensaios sobre os escritos de Candido, *História e literatura: homenagem a Antonio Candido* (2003), organizado pelo crítico mexicano, Jorge Ruedas de la Serna.

Responsável pela “Apresentação” da obra, Ignacio Díaz Ruiz sintetiza o valor e a relevância de Antonio Candido para as letras do Brasil e da América Latina, acentuando o caráter humanista, a independência intelectual de Candido, sua posição firmemente avessa aos reducionismos, aos dogmatismos, aos estudos literários fragmentários, conforme se verifica, na transcrição, abaixo, de seu discurso:

Antonio Candido es, indudablemente, el origen y la razón de este libro. Su nombre identificado como el del mayor crítico literario actual de Brasil y como uno de los de más relevancia en América Latina, es el espíritu firme y presente que guía los objetivos y sentidos de esta publicación. Su generosa figura de humanista pleno e íntegro, de maestro de la universidad brasileña, de intelectual independiente, de crítico literario ajeno a posturas fragmentarias, reducidas o únicas, a orientaciones ortodoxas, cerradas o dogmáticas, autor de una sólida obra (DÍAZ RUIZ, 2003, p. 7).

A fortuna crítica de Antonio Candido faz jus a sua intensa atividade escritural e corrobora a opinião de Ruiz. Sobre os seus escritos se debruçaram inúmeros pensadores,

como exemplificam as obras, *Esboço de Figura* (1979), organizado por Celso Lafer; *Malandragem revisitada* (1987), de Roberto Goto; *Destinos Mistos* (1998), de Heloísa Pontes; *Antonio Candido: pensamento e militância* (1999), organizado por Flávio Aguiar; *Antonio Candido y los estudios Latinoamericanos* (2002), organizado por Raúl Antel; *40 anos de Formação da literatura brasileira* (2000), organizado por Danielle et al. Corpas; *A tradição esquecida* (2002), de Luiz Carlos Jackson; *Biografia de Antonio Candido* (2004), Vinícius Dantas; *Paralelos entre Antonio Candido e Alexandre Chayanov: Economia Fechada, equilíbrio mínimo e rusticidade* (2010), de André Souza Martinello e Sérgio Schneider;

Dentre os inúmeros artigos sobre Antonio Candido, sobressaem-se, os textos, de Roberto Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” (1987), texto publicado por Candido em 1970; “Sobre a *Formação da literatura brasileira*”; “Adequação nacional e originalidade crítica” e “Os sete fôlegos de um livro”, que compõem a coletânea de ensaios, *Sequências brasileiras*, publicado por Schwarz, em 1999.

Antonio Candido foi um cidadão participante da vida política do país. Posicionando-se como membro de esquerda, atuou na resistência ao Estado Novo, participou ativamente da fundação da União Democrática Nacional (1945) e depois lutou contra a ditadura militar de 1964. Desempenhou um importante papel na Formação da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, e na política nacional foi membro fundador do Partido dos Trabalhadores – PT (1980).

A postura militante de Candido, derivava de sua visão acerca da tarefa do intelectual em nossa sociedade. Para ele, ser intelectual significava, sobretudo, desempenhar o papel de decodificador das ideias e pensamentos que circulam em nosso seio social, conforme realça, no ano de 1945, no texto, Plataforma da Nova Geração: “Cada um com suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas ideias.”

Para a concretização de nossa pesquisa, dividimos nosso trabalho em dois tópicos. O primeiro denominado, “Antonio Candido: o mestre do Brasil”, se voltará para a importância de Antonio Candido para os estudos literários do Brasil e da América Latina, através do registro dos mais importantes livros e artigos sobre o nosso autor.

Num segundo tópico, intitulado “Sobre a formação e a sedimentação da literatura brasileira”, nos debruçaremos sobre as mais marcantes, e às vezes polêmicas, definições da ficção brasileira e das interpretações de Antonio Candido, acerca do surgimento e da solidificação da literatura no Brasil. Assim, nos deteremos, mais especificamente, nas anotações de Candido, contidas em sua obra, *Formação da literatura brasileira: momentos*

decisivos, sem nos furtamos à leitura de outras obras de Candido que nos sejam necessárias à compreensão de nossa temática.

Esperamos, com esse trabalho contribuir, principalmente, para a fortuna crítica de Antonio Candido, para os estudos de revisão dos processos de formação e de sedimentação da literatura brasileira, para as pesquisas sobre a relação entre literatura e sociedade, estabelecidas por nossos autores, desde os nossos primórdios literários e para a eficácia da metodologia da dialética para os nossos estudos.

Antonio Candido: formação e sedimentação da literatura brasileira

Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista.

Antonio Candido

2.1. Antonio Candido: o mestre do Brasil

ANTÔNIO CANDIDO ou
 Antônio lícido, límpido,
 que conhece e pratica a força imponderável da
 intuição?
 Que funda o juízo crítico no gosto,
 - o gosto que em vão se tenta anular, e
 permanece,
 mesmo negado e ignorado, sal da percepção?

Carlos Drummond de Andrade

Nascido no Rio de Janeiro (1918), filho de médico, Antonio Candido passou sua infância entre Minas Gerais e São Paulo. Ingressou na Faculdade de Direito e na de Filosofia da Universidade de São Paulo, formando-se apenas no curso de Filosofia. Tornar-se-ia assistente de sociologia do professor Fernando de Azevedo na Faculdade de Filosofia da USP, autor da célebre obra, *A cultura brasileira* (1942).

O convívio com Azevedo e a atividade docente em Sociologia despertariam, dialeticamente, o interesse de Antonio Candido pela literatura, interesse, esse, que o levaria a travar grandes embates contra formas e práticas do pensamento conservador, que habitavam em nossa crítica. Se tornaria professor de literatura brasileira, em 1958:

Em sua vida acadêmica, Antonio Candido permaneceu como professor de sociologia até 1958, quando passou a dedicar-se de forma exclusiva à literatura. Já em 1945 havia sido aprovado num concurso de livre-docência em literatura brasileira com a tese *Introdução ao método de Sílvio Romero* e, em 1958, em concurso de doutorado na área de Ciências Sociais com a tese *Os parceiros do rio Bonito*. No período de 1958 a 1960, foi professor de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia de Assis, voltando em seguida à universidade de origem para assumir a disciplina de teoria literária e literatura comparada, adquirindo o grau de professor titular (1974) e aposentando-se em 1978. Foi coordenador do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, de 1976 a 1978. (ABDALA JUNIOR, p. 359).

Nesse ofício, Candido tornar-se ia um dos maiores intérpretes do Brasil e fez isso de forma singular, num peculiar percurso em que via, no mundo da literatura, o mundo do qual ela sobrevinha, como se percebe em sua leitura sobre *O cortiço*, de Aluísio Azevedo: “Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal” (CANDIDO, 1993, p. 123).

Côncio de que a independência e a força discursiva estética não obnubilam os traços da sociedade, Antonio Candido se dedica a examinar a feição ficcional do Brasil. No intuito

de especificar as diferenças entre o campo discursivo da literatura e a dicção científica da sociologia, escreve o texto, “Crítica e sociologia” (1965), delimitando, assim, os terrenos interpretativos da crítica literária e da sociologia:

A análise crítica, de fato, pretende ir mais funda, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocósmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra: . (CANDIDO, 1985, p. 5).

Na verdade, tanto a literatura quanto a sociologia desempenharam um papel importantíssimo nas ideias que temos a respeito de nós mesmos, da humanidade que formamos, da história que nos é comum, da língua com a qual nos expressamos, como assevera o sociólogo Octavio Ianni, importante parceiro interdisciplinar de Candido:

É mais do que evidente que a sociologia e a literatura nascem e desenvolvem-se desafiadas, influenciadas ou fascinadas pela questão nacional. Colaboram decisivamente na elaboração do mapa da nação, ajudando a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas. (IANNI, 1999, p. 14)

Observando que tanto a sociologia quanto à literatura brasileira constituem uma larga reflexão sobre o Brasil, Octávio Ianni, pelos caminhos da comparação, procede a um balanço das similaridades e das dissimilaridades entre esses dois campos discursivos, realçando, de maneira mais específica, a convergência central estabelecida “nação” e “narração”, isto é, a reflexão sobre o Brasil e suas gentes, não obstante a inegável diferença entre o discurso literário e o discurso sociológico, como realça, abaixo:

Há épocas ou conjunturas históricas nas quais o contraponto literatura e sociologia pode revelar-se particularmente significativo não só pelas convergências, mas também pelas revelações. As convergências, ressonâncias, contemporaneidade ou coincidências, envolvendo sempre temas, dilemas, situações e incidentes próprios da ocasião, podem ser reveladoras de algo mais geral, característico da época ou conjuntura. Nesse sentido é que são reveladores os contrapontos “nação e narração”, “religião e capitalismo”, “racionalização e alienação” ou “desencantamento e danação”, entre outros, desafiando ciências, artes e filosofias [...] A despeito das diferenças de linguagens, já que um busca o conceito e o outro a metáfora, é inegável que ambos participam do processo de invenção da nação. (IANNI, 1999, p. 12-16).

Na perspectiva das singularidades próprias ao literário e das peculiaridades da linguagem sociológica, encaminhamos nosso trabalho, em estreita conexão com o aparato

teórico-metodológico utilizado por Antonio Candido.¹ Assim reatualizamos, no campo da teoria, em sintonia com o nosso autor, os preceitos desenvolvidos por Georg Lukács (1885-1971), acerca do que constitui a crítica literária. Os princípios lukacsianos embasam as interpretações de Antonio Candido, numa curiosa fusão entre a teoria e a sua prática. Nesse entendimento, retomamos à questão a que se dedica o estudioso húngaro, no trato da relação entre literatura e sociedade, na busca de compreensão sobre o papel do elemento histórico, na obra de arte:

“O elemento histórico-social possui, em si mesmo, significado para a estrutura da obra, e em que medida?” Ou “seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético [...] mas não determinante dele?” (LUKÁCS apud CANDIDO, 1985, p. 4-5).

A esta questão Lukács responderia que o dado social, quando entranhado na obra, exerce o papel de enfatizar o valor estético da mesma, tornando-se, assim, um agente do próprio produto de arte. Perfazendo o caminho trilhado por Lukács, numa notável continuidade, Antonio Candido amplia-lhe as formulações ressaltando o elemento social como componente interno da obra, como agente de estrutura e de significação do discurso estético. Assim, enfatiza o social, tematizado no texto, como elemento interno da obra, transfigurado, dialeticamente, em fato artístico:

Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambientes, costumes, traços grupais, ideias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel. (CANDIDO, 1985, p.5).

Atento à integridade da obra, à indissociabilidade entre o significante e o significado, Antonio Candido percorre um caminho interpretativo traçado pela dialética. Nesse trajeto metodológico, também denominado de *crítica integral* da obra, que reafirma sua concepção do literário, visto como um discurso singular e autônomo, enquanto reconhece a discursividade sociológica, de orientação científica e sem cunho estético, como um saber

¹ É notória a fusão da teoria e metodologia procedida por Antonio Candido, como bem nos informa Paulo Eduardo Arantes: “De resto, em questão de método, sempre evitou expô-lo em separado, além de ser fã da mais estrita discreção terminológica.” (ARANTES, 1992, p. 10).

distinto do literário. Assim, se afasta da mera interpretação sociológica ou histórica para proceder uma leitura que alcança a obra como um todo indissolúvel:

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo que se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo (CANDIDO, 1985, p.7 – grifo do autor).

Nesse jeito de ver o discurso artístico, Antonio Candido lança mão da dialética, categoria metodológica que informa e inunda os seus estudos literários. Essa perspectiva metodológica utilizada, recorrentemente, por Antonio Candido, como também por seu amigo e parceiro intelectual, Roberto Schwarz, seria captada e analisada pelo filósofo e cientista brasileiro, Paulo Eduardo Arantes, em seu livro, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*, publicado em 1992:

Sem muito exagero pode-se dizer que em Antonio Candido há **dialética** por todos os lados. [...]. Enumero alguns. Em primeiro lugar, o mais abrangente deles: caso fosse possível estabelecer uma lei geral de nossa evolução mental, ela tomaria a forma de uma dialética de localismo e cosmopolitismo. Esta de resto a perspectiva que comanda um livro decisivo como a *Formação da Literatura Brasileira*. Assim sendo estaríamos autorizados a ver dialética no duplo encaixe do livro: tendências universalistas e particulares. (ARANTES, 1992, p. 9 – grifo do autor).

Numa mesma compreensão, Custódia Selma Sena se acerca dos escritos de Antonio Candido, em busca de um Brasil além do Brasil, que nos induz, contudo, a compreender nosso país melhor, como já sinalizara Candido. Nessa sensibilidade, Custódia Sena realça que Antonio Candido seria o primeiro intelectual brasileiro a perceber a dialética que rege a imaginação brasileira.

No Brasil, o primeiro estudioso a definir a dualidade como uma característica estrutural da imaginação social brasileira foi Antonio Candido, e nosso trabalho se inspira diretamente em sua concepção da relação entre o localismo e o cosmopolitismo. Em sua reflexão sobre o processo de formação da literatura brasileira, diz o autor que tal processo pode ser descrito como uma integração progressiva da experiência literária. (SENNA, 2003, p. 9 -10)

Como quer que seja, adotando a dialética como caminho interpretativo privilegiado, Antonio Candido rompe com as duas linhas críticas que vigoraram no Brasil, num vivo contraponto. A de cunho conteudista, que aquilatava o valor da obra pelo seu conteúdo e a

que dava ênfase aos seus aspectos formais. Dessa forma, criaria a crítica integral, ou moderna da obra literária, interpretação que possibilita apreendê-la em sua totalidade, sem cair no sociologismo e sem limitar o crítico desejoso de analisar um determinado aspecto da tessitura estética:

Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra. E nós verificamos que o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais. (CANDIDO,1985, p.7)

Nessa retomada do visor crítico que estrutura e orienta os estudos de Antonio Candido, encaminhamos nossa própria revisão de seus pressupostos teóricos e críticos, acerca do consórcio estabelecido, em nossa ficcionalidade, com a trajetória de nosso desenvolvimento nacional.

2.2. Sobre a formação e a sedimentação da literatura brasileira

Depois da independência, senão antes, começamos a balbuciar a nossa literatura, pagamos como era natural, o tributo da imitação, depois entramos a sentir em nós a alma brasileira, e a vazá-la nos escritos, com a linguagem que aprendemos de nossos pais.

José de Alencar

Em 1959, Antonio Candido lança seu importante livro, *Formação da literatura brasileira*, no qual procederá a uma revisão do processo de constituição de nossa literatura. No prefácio da primeira edição da obra, Candido reconhece a especificidade das letras nacionais, reconhecendo, assim, o laço placentário com a literatura lusitana e, posteriormente, com outras literaturas europeias, numa demonstração pacífica de nossa dependência cultural, originada do colonialismo.

Cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras. A brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir. A sua formação tem, assim, caracteres próprios e não poder ser estudada como as demais (CANDIDO, 2000, p. 9).

Nesse reconhecimento de nossa pouca idade literária, conclama a necessidade de se ler os nossos textos estéticos, para dar-lhes vida, sinalizando para o difícil contexto nos quais eles se formam. Reatualizaria, assim, a preocupação com o nosso isolamento discursivo, questão já esboçada por Mário de Andrade, em 1926: “no rincão da Sulamérica o Brasil é um estrangeiro enorme” (ANDRADE, Mário apud SCHWARTZ, 1993, 185).

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos. (CANDIDO, 2000, p. 10).

Considerando as peculiaridades de nosso discurso literário, notadamente de seu surgimento e trajetória, de seu isolamento em face de sermos o único país da América Latina a ter a língua portuguesa como canal de comunicação e de elaboração artística, Antonio Candido enfatiza que a busca da universalidade não se dá apenas, na

tematização da cor local, mas na sinuosa equação entre o local e o universal, perspectiva que Candido procura reforçar:

Há literaturas de que um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade; outras, que só podem ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob pena de lhe restringirem irremediavelmente o horizonte. [...] Se isto já é impensável no caso de um português, o que se dirá de um brasileiro? [...] Os que se nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e falta do senso de proporções. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossas. (CANDIDO, 2000, p. 9).

Em carta de 17-12 de 1874, José de Alencar reconhece o difícil início de fundação de nossa literatura, após a Independência de Portugal, devido à nossa condição colonialista, que obrigavam nossos artífices à dolorosa imitação e aclimação das ideias-força da estética europeia. Como diz Alencar, este foi o período do nosso “balbuciar” literário:

Depois da independência, senão antes, começamos a balbuciar a nossa literatura, pagamos, como era natural, o tributo à imitação, depois entramos a sentir em nós a alma brasileira, e a vazá-la nos escritos, com a linguagem que aprendemos de nossos pais. (ALENCAR, 1993, p. 59)

Assim sendo, Antonio Candido reconhece que a sua *Formação* não é tão somente uma demonstração crítica do surgimento e desenvolvimento de nossa literatura, mas, principalmente, uma interpretação das marcas discursivas que sinalizam para o que os literatos nos pensavam, ou como nos imaginavam, nos momentos de nossa afirmação, como reconhece Abdala Júnior:

A Formação da literatura brasileira: momentos decisivos não constitui apenas um livro sobre os momentos fundamentais da formação específica de nossa literatura, no arcadismo e romantismo. É sobretudo uma definição através da literatura, dos traços marcantes de como nos imaginávamos no momento de nossa afirmação como nação politicamente independente. (ABDALA JUNIOR, 2001, p. 360).

Em relação à questão polêmica da obra de Candido, ou seja, de sua assertiva de que “a nossa literatura é galho secundário da literatura portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas” e que, comparadas aos grandes acervos literários de países desenvolvidos, a nossa literatura é pobre e fraca, Abdala Junior explicita que tal interpretação reafirma, o que não é possível negar, isto é, a nossa dependência cultural. Para ele, essa condição dependente aponta, em termos de valoração, para conjuntos da literatura e não para produções individualizadas:

Essa condição subalterna aponta, em termos de valoração, para o conjunto da literatura e não para produções individualizadas. Não exclui, pois a possibilidade de obras individualmente relevantes. Nossa literatura viria de um processo de inculcação de valores do processo colonial e, para o crítico, torna-se necessário adquirir consciência crítica deles, para assim reverter o quadro de dependência, que extrapola esse momento histórico- um processo que, como marcas da colonização, adquire novas roupagens, em outras situações históricas de nossa cultura. (ABDALA JUNIOR, 2001, p. 362).

Na verdade, precedido pelos árcades, os românticos brasileiros suavam para dar um caráter mais nacionalista às nossas manifestações literárias, principalmente, após a nossa independência política, como bem assinala Antonio Candido, sem silenciar sobre o esforço dos árcades, reconhecido pelos próprios românticos como seus predecessores, como aponta os versos de Casimiro de Abreu, de “Minha terra” (1856):

Foi ali que noutra tempo/ À sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes/ O Petrarca brasileiro;
E a bela que o escutava/ Um sorriso deslizava
Para o bardo que pulsava/ Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marília/ Em terníssimos enleios
Se beijavam com ternura/ Em celestes desvaneios
Da selva o vate inspirado/ O sabiá enamorado
Na laranjeira pousado/ Soltava ternos gorjeios.

(ABREU, 1980, p. 12-13).

Na verdade, os árcades brasileiros já ansiavam por uma literatura de cunho mais brasileiro. Aos seus esforços, devemos a criação de nosso acervo estético, como sistema, como bem notou Antonio Candido ao delegar aos poetas do arcadismo a criação do nosso dizer literário como sistema, sem desvalorizar os escritos anteriores, como “*manifestações literárias*”, conforme elabora Antonio Candido, respaldando a própria dicção romântica:

Se desejarmos focalizar os momentos em que se discerne a formação de um sistema é preferível nos limitarmos aos seus artífices imediatos, mais os que se vão enquadrando como herdeiros nas suas diretrizes, ou simplesmente no seu exemplo. Trata-se então, (para dar realce às linhas), de averiguar quando e como se definiu uma continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literário. Salvo melhor juízo, sempre provável e tais casos, isto ocorre a partir dos meados do século XVIII, adquirindo plena nitidez na primeira metade do século XIX. Sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências como as de Rocha Pita e Itaparica, é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais *ilustrados*, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer *literatura* brasileira. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo-se deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações. (CANDIDO, 1993, p. 24 - 25).

Para compreendermos a noção de “sistema literário”, de Antonio Candido, é preciso observar o momento estético brasileiro em que havia, entre os nossos literatos, a aspiração consciente em produzir uma literatura de cunho nacional, havia leitores para tais obras e os meios de divulgação. Essas condições só se apresentam durante o arcadismo, tendo como consequência a criação de uma tradição literária entre nós:

A existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns a outros [...] Quando a atividade de escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária [...] É a tradição [...] formando padrões que se impõem [...] Sem essa tradição não há literatura como fenômeno de civilização (CANDIDO, 1993, p.23-24).

A referência, feita, anteriormente, por Antonio Candido ao historiador Rocha Pita se deve às similaridades que o poema épico *Caramuru* (1781), do árcade e frade agostiniano, José de Santa Rita Durão, estabelece com o texto histórico de Rocha Pita, *História da América Portuguesa* (1730). Esse texto fornece matéria para as nascentes tendências nativistas árcades:

Sob certo aspecto, o *Caramuru* é uma chave de abóboda formando par com a História, de Rocha Pita. Ele faz uma espécie de balanço da colonização, no momento em que iam aparecer as tendências nativistas mais atuantes, que levariam à Independência em 1822. E a sua matéria sintetiza as linhas temáticas que vimos acima: descrição hiperbólica da natureza; descrição da vida indígena; celebração da defesa do país contra invasores estrangeiros, vista como episódio da implantação da fé verdadeira, a católica, elemento central desse poema eminentemente religioso (CANDIDO, 1999, p. 31).

Do desejo ativo dos árcades, em mostrar nossa capacidade de criação de um discurso literário próprio, se origina o caráter *empenhado* de nossa literatura, ou *interessada*. Atento a essa aspiração, que se acentua após a Independência, Antonio Candido considera o arcadismo e o romantismo, como momentos decisivos de nossa formação e constituição literária:

Os escritores neoclássicos são quase todos animados do desenho de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus; mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento, estão visando este aspecto.[...] Depois da independência o pendore se acentuou, levando a considerar a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los. Isto explica a importância atribuída, neste livro, à “tomada de consciência” dos autores quanto ao seu papel, e à intenção mais ou menos declarada ao escrever para a sua terra, mesmo quando não a descreviam. (CANDIDO, 1993, p. 26).

A inclinação inicial dos árcades se tornaria, com a separação política de Portugal, quase um preceito sagrado para nossos escritores. No afã desse princípio, nossos românticos legam às em nossas letras, uma certa feição literária do espírito nacional, que muitas vezes se converteria em prejuízo estético: “Esta disposição de espírito, historicamente do maior proveito, exprime certa encarnação literária do espírito nacional, redundando muitas vezes nos escritores em prejuízo e desnorteio, sob o aspecto estético.” (CANDIDO,1993, p. 26).

As marcas de nossa constituição literária se comunicariam à posteridade, transformando as nossas letras em verdadeiros testemunhos, de acordo com Flávio Aguiar, estudioso da obra de Candido. Para Flávio Aguiar, de nossas letras sobressai uma contínua disposição ética, de raiz humanista, como ressalta, em sua obra, *Com palmos medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira* (1999), que contou com o Prefácio de Antonio Candido:

Uma derradeira observação: vista de modo amplo, em suas lacunas e realizações, nossa literatura é de testemunho – em favor dos aspectos positivos da civilização e de crítica contra a barbárie que o processo civilizatório ainda leva consigo. Dela emana um empenho ético, de raiz humanista, que pode ser objeto de discussão ou de revisão, mas nunca de renúncia. (AGUIAR, 1999, p. 15).

Esta observação final, elaborada por Flávio Aguiar, é mais uma grande motivação para lermos e buscarmos compreender a nossa literatura, testemunha da penosa trajetória de nossa sociedade, dividida e apartadas, em classes sociais tão antagônicas e projetos nacionais tão contrários entre si.

Decerto que essa compreensão perpassa o pensamento de Candido quando este considera o acesso à literatura, no Brasil, com um bem incompressível, sem o qual não haverá justiça social. Antonio Candido (2014) defende que a literatura deve ser um direito a todos, pois ensina a ver a vida de uma maneira diferente, independente do nível que vá ter acesso. Uma sociedade igualitária deveria garantir a todos os seus integrantes o acesso a todos os níveis de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o respectivo estudo, pretendeu-se expandir as pesquisas relacionadas aos estudos sobre a constituição de nossa literatura, a partir das reflexões de Antonio Candido. Assim, nos voltamos para as concepções de nosso autor sobre as especificidades do discurso literário brasileiro.

A literatura deve ser vista como uma forma de conhecimento que possui uma autonomia de significado, mas, essa autonomia não a desliga da realidade, nem anula a influência que essa vai exercer sobre ela.

No Brasil o processo de formação literária se deu pela influência da sociedade. Gerada no seio da literatura portuguesa, a literatura brasileira buscou os seus traços mais marcantes na diversidade que aqui existia. Tanto o país quanto a literatura estavam em formação, tinha-se uma influência europeia, porém também existia uma observação aos aspectos particulares do Brasil.

O momento decisivo para isso no Brasil foi o decorrer do século XVIII e início do século XIX, entre o período do Arcadismo e do Romantismo, pois os autores estabelecem uma sequência em suas obras. A literatura passa a ser vista como um sistema e também um fato social.

A literatura deve ser entendida como uma necessidade universal é um mecanismo que permite ver a realidade do mundo de forma diferente, onde a criação ficcional ajuda na compreensão do mundo.

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de estudo do referido tema, nosso trabalho pretendeu contribuir para alargar o debate temático dos processos que regeram a formação e constituição da literatura brasileira, através dos escritos de Antonio Candido.

REFERÊNCIAS:

ABDALA JUNIOR, Benjamim. Antonio Candido: Formação da literatura. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001, p. 357-379.

ABREU, Casimiro. *Poesia completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

AGUIAR, Flávio. Antonio Candido. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 275- 286.

_____. (Org.). *Com palmos medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira: prefácio de Antonio Candido*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ALENCAR, José de. *O nosso cancionero: estabelecimento do texto e apresentação de Maria Eurides Pitombeira de Freitas*. Campinas: Pontes, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira; dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ASSIS, Machado. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 3.

BOTELHO, André; SCHAWARTZ, Lilia Moritz. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 1999.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1967.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*: 3. ed. rev. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. Plataforma da Nova Geração: 1945. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974: pontos de partida para uma revisão histórica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1990..

IANNI, Octávio. Sociologia e literatura. In: SEGATTO, José Antonio; BALDAN, Ude (Org.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 9-42.

JACKSON, Luiz Carlos. Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura. In: . BOTELHO, André; SCHAWARTZ, Lilia Moritz. (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 268-281.

LAMBERT, J. *Os dois Brasis*. São Paulo: Nacional, 1967.

MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira. *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas! Estudos Avançados. São Paulo, v.7, n.17, out./dez. 1993. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141993000100008>>. Acesso em: 13 out. 2018.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiás: UFG, 2003